

HETEROTOPIA E CIDADES INVISÍVEIS – UMA POLIFONIA CENOGRÁFICA DE ESPAÇOS URBANOS CAÓTICOS

by

Fernando Matos Rodrigues*

Resumo de comunicação: Neste texto problematiza-se o conceito de cidade e de arquitectura no espaço urbano difuso, enquanto produto de uma “cultura light”.

Palavras-chave: Cidade, arquitectura; espaço urbano.

Abstract: This text questions the city and architecture in the context of chaotic urban space as product of a “light culture”.

Key words: City; architecture; urban space.

1. INCIPIT

Este texto nasce de um debate que se fez na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sobre a *Cultura Light* e cuja organização coube ao Departamento de Ciências e Técnicas do Património, na pessoa do seu mentor o Professor Vítor Oliveira Jorge. A quem gostaria de prestar publicamente a minha admiração intelectual e humana, pelo trabalho que tem desenvolvido em prol do conhecimento e do aprofundamento democrático da sociedade portuguesa. Estamos perante uma personalidade com espírito humanista, inquietante e crítico, que faz da procura do conhecimento uma luz de solidariedades transversais. Esta pequena mas significativa referência ao Professor Vítor Oliveira Jorge, pode parecer deslocada e imprópria neste contexto, mas numa sociedade pouco solidária e humanista vale a pena correr este risco,

* Professor no Curso de Arquitectura da ESAP/Porto.

e falar sobre aqueles que no seu silêncio quotidiano trabalham para a causa pública em prol de uma humanidade fraterna e global, isto é, contribuindo para uma Cidadania Mundial.

Coube-nos falar sobre a problemática da arquitectura e do espaço público numa sociedade globalizante e descentrada. Onde as arquitecturas e os espaços públicos nos aparecem de forma difusa, fragmentada e deslocalizada. Num tempo em que assistimos a uma invocação nostálgica da valorização do espaço público em detrimento do espaço privado; alguns autores defendem inclusive que estamos, perante a reivindicação de um conceito central de aspiração democrática (Rabotnikof, 2005: 9 e ss.); onde as arquitecturas se apresentam como suportes publicitários de imagens difusas e sedutoras. Aqui, a tecnologia desdobra-se na procura e na concretização de novas linguagens arquitectónicas, que alguns autores ousam classificar de arquitecturas globais; de arquitecturas de comunicação; de arquitecturas de contaminação; e por último de arquitecturas híbridas (Montaner, 1999: 94 e ss.).

O espaço urbano que integra o Grande Porto, organiza-se e estrutura-se em função de uma dimensão de imaginário social, onde domina uma desordem urbana que faz acentuar os seus fragmentos num caleidoscópio de ordens possíveis, isto é, uma espécie de heterotopia que estrutura e dá sentido político a uma realidade metropolitana, onde domina o caos urbano e a dispersão social. Estamos, no reino do fragmento, da colagem, do híbrido desconcertante e metaforicamente paradoxal.

2. LENTO QUASI MARCIA FUNEBRE

As formas urbanas amontoam-se numa espécie de tiras metálicas transparentes, umas leves outras muito pesadas, espetando as suas garras e ferindo de morte a sustentabilidade e a biodiversidade ecológica do território metropolitano. São restos de civilização, são fragmentos de cidades que se instalam ao longo das estradas nacionais e municipais do nosso território. Por um lado, a Cidade em Corredor paralela ao Atlântico, com os seus edifícios emblemáticos e os seus passeios públicos, para quem gosta de “ir a banhos de multidões”; do outro lado, a cidade em perpendicular ao corredor marítimo, confusa, estreita e diminuída na sua função e escala social. Organizada em função de uma ordem política objectivada e localizada na sua área metropolitana, e de uma ordem económica difusa e global (Borja e Castels, 1997; Preteceille, 1995).

No espaço urbano ou urbanizado do Grande Porto, vamos encontrar vários fenómenos de ocupação difusa do território, com as suas arquitecturas híbridas, de peso excessivo, com massas e volumes arquitectónicos demasiadamente descontextualizantes; enfim, todo um mundo arquitectónico e urbanístico feito à imagem de

aberrações formais. Temos a “Rota do Neo-Clássico” que vai do alto de Alfena até Paços de Ferreira, uma espécie de arquitectura fantástica que vai buscar os seus elementos decorativos às ordens da arquitectura clássica. São edifícios de fachada monumentais, com acentuada simetria, com colunas de capiteis frondosos, em diálogo com a estrutura funcional da arquitectura moderna. A decoração e os motivos da civilização grega e romana misturam-se de forma ingénua e inconsciente numa síntese de absurdos estéticos dilacerantes. Uma espécie de “Casas Encantadas”, que nos remetem para um profundo anacronismo espacio-temporal, típico de uma “pós-modernidade” tardia. Espaços difusos e anacrónicos, habitados por uma espécie de arquitecturas de contaminação, que nos remetem para uma petrificação antropomórfica.

Existe deste modo, uma relação quase linear entre cidade invisível e cidade abandonada, isto é, do lado de fora, vemos crescer e expandir-se de forma caótica uma cidade invisível, sem forma e sem conteúdo; do lado de dentro, a cidade abandonada é cada vez mais uma realidade patrimonial angustiante. Alguns autores classificam este fenómeno de cidade efémera, ou extensiva, uma espécie de natureza urbana acantonada num arquipélago de IPs e ICs. Esta imagem urbana, materializa-se num conjunto de construções stander, industrializadas, repetitivas, que de forma acelerada contribuem para uma excessiva e rápida uniformidade da paisagem e do território, contribuindo desta forma para aquilo que alguns cientistas sociais já classificam de “localização da globalização” (Jameson, 2000; Roseneil, 1999).

Temos que reconhecer que este fenómeno teve início nas zonas mais periféricas das cidades consolidadas; hoje, é visível no interior dos antigos cascos urbanos, alterando modos de vida, transformando as paisagens urbanas, subvertendo as escalas e as funções originais destes tecidos históricos. É a construção de tipologias arquitectónicas e urbanísticas desenquadradas dos sítios e dos contextos sócio-espaciais. A partir de projectos arquitectónicos dominados por considerações vazias e soluções formalistas, com total ausência de reflexões acerca de como se produz e quais as razões da intervenção arquitectónica. Como resultado, temos a produção e a construção de um conjunto de artefactos mais ou menos insólitos, mais ou menos desoladores –, uma espécie de arquitectura tecnológica em função de um jogo virtual.

Sobre esta problemática recordemos a expressão de Paul Virílio, quando escreve sobre o *Pequeno Mundo*, no seu livro *A Velocidade da Libertação*, dando-nos a conhecer que “*Edgar Degas, a quem lhe citasse a frase romântica de Amiel, ‘Uma paisagem é um estado de alma’, retorquia, ‘Não, é um estado de olhos!’*” (Virílio, 2000: 68 e ss.). Sobre esta nova realidade de compressão do espaço-mundo, considera Virílio “*a súbita confusão babélica da cidade-mundo, a intempestiva mistura do global e do local*”, onde a cidade do futuro já não exprimirá a beleza da confusão, pelo contrário ela “*ilustrará amanhã o drama da fusão do biológico e do tecnológico*” (*idem*: 86).

As relações entre lugar, sociedade e projecto não são tomadas em consideração por estas arquitecturas rápidas (light), onde a lógica da velocidade e do consumo imediato e deslocalizado, impõe uma nova ordem social hiper-funcionalista e redutora na forma e expressiva na imagem. A determinada altura, aparecem “novos lugares”, como que inventados de forma violenta no território, com o único propósito de se exibirem de forma obscena e hedonista, para com aqueles que deslizam nas ICs e IPs do Grande Porto. A transformação, a aparição ostensiva do novo “objecto”, do “novo lugar” é a negação do próprio lugar. Assiste-se, a uma deslocação dos lugares e dos modos de vida, daqueles que trabalham e vivem no Grande Porto. Doravante, os lugares de encontro e de consumo, comprimem-se num só espaço, num só local, e num só tempo. Estamos no mundo da cidade intervalo, organizada em função de uma cultura da pressa e do efémero. Aquilo, que Lipovetsky classificou de “*Era do Vazio*”, uma espécie de sociedade pós-moderna onde reina a indiferença de massa, em que domina o sentimento de saciedade e de estagnação. Enfim, “*doravante é o vazio que nos governa, um vazio sem trágico nem apocalipse*” (Lipovetsky, 1989: 10 e ss.).

A cidade ou aquilo, que dela persiste, estrutura-se em função de uma nova ordem social e económica, globalizadora e hedonista na sua essência; localista na forma e no conteúdo, como manipula a memória histórica e a remete para um tempo de ficção e de representações virtuais da vida urbana. Onde precisamente, se confunde a réplica e o simulacro com a realidade histórica e cultural da nossa sociedade. Estamos no reino da fantasia e da ficção arquitectónica e urbanística, em detrimento da representação de uma realidade cognitiva, emocional e expressiva das formas, ligada à experiência humana das coisas.

A arquitectura transforma-se numa arte de representação, um autêntico teatro do mundo, onde se estruturam e configuram cenografias do nosso pequeno quotidiano, materializadas em imagens que nos retratam a cidade histórica. Os fragmentos da memória do passado são manipulados na sua qualidade de imagem social, de ícon ou mesmo de ídolo cultural.

O espaço urbano do Grande Porto, transforma-se num imenso oceano de falsos signos, que nos remetem para uma sociedade de consumo, mas também de espectáculo incessante, dominada pela velocidade libertadora do homem em relação ao seu local de residência e de interacção social. A compressão do espaço e do tempo, liberta os homens e aproxima culturas, que até então estavam nas antípodas da civilização. Produz um efeito de mundo-local; isto é, com as novas tecnologias é possível aproximar os locais e converte-los em fenómenos de globalização pacífica. Estamos perante a apologia do lugar único, em função de uma arquitectura globalizante, interactiva e comunicacional na forma e na estrutura. Aquilo, que alguns autores classificam de “nova cidade global” ou “cidade da informação” (Castels,

1999). Onde sociedade pós-industrial e revolução cibernética, nos remetem para um mundo globalizado, sem identidade e sem diferença. Estamos perante um mundo uniforme, socialmente neutro e territorialmente plano. A perda da noção de limite, de interdito na sociedade pós-moderna, remete-nos para uma ausência de marca ou de individualidade dos territórios urbanos e sociais, e consequentemente para uma diminuição dos índices de apropriação e de localização.

3. ALLEGRO EROICO

Assiste-se, a uma transformação dos arquétipos da cidade e do espaço urbano, pois, doravante os fluxos de movimentos geram processos de indiferença e de exaltação. Os novos espaços urbanos, pensados em função das novas tipologias arquitectónicas visam uma exaltação barroca da sociedade pós-moderna.

A exaltação do espaço de consumo como um lugar democrático de emancipação e de equilíbrio social e cultural. A igualdade do espaço económico dentro do mercado em oposição ao caos e à desordem social. Estes fenómenos relacionam-se com uma sociedade aberta, isto é, em rede que valorize os espaços abertos como expressão máxima da realização do indivíduo. Um espaço aberto, que corresponda a uma sociedade-rede, enquanto aspiração colectiva de emancipação das condições reais e do espaço físico, isto é, aspiração de um espaço aberto democrático e acessível a todos sem fronteiras nem barreiras, de tal forma que possibilite a circulação de pessoas e capitais. O espaço aberto é no fundo um processo que conduz à regeneração de lugares, uma espécie de “aparência de ordem”, que nos possibilita ultrapassar os limites dos espaços de transição. Enfim, uma espécie de modelo ou tipo que nos permite remediar os componentes caóticos da cidade pós-moderna.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ECO, UMBERTO (1986). *Viagem na Irrealidade Quotidiana*. Lisboa, Difel.
- FERNÁNDEZ ALBA, ANTÓNIO (1990). *Los Axiomas Del Crepusculo. Ética y estética de la arquitectura*. Madrid, Hermann Blume.
- MARCHAN FIZ, SIMON (1981). *La “Condicion Posmoderna” de la Arquitectura. Leccion Inaugural del Curso 1981-1982 de la Universidad de Valladolid*. Valladolid, Ed. Universidad de Valladolid.
- MARIA MONTANER, JOSEP (2001). *A Modernidade Superada. Arquitectura, arte e pensamento do século XX*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili.
- MUNTAÑOLA, JOSEP (1981). *Poética y arquitectura. Una lectura de la arquitectura postmoderna*. Barcelona, Editorial Anagrama.

- MELA, ALFREDO (1999). *A Sociologia das Cidades*. Lisboa, Editorial Estampa.
- JAMESON, FREDRIC (2000). "El ladrillo y el globo: arquitectura, idealismo y especulación inmobiliaria" in *Pensamento Crítico Contra La Dominación / NEW LEFT REVIEW*. Madrid, Ediciones Akal.
- LÉVY, PIERRE (2000). *Cibercultura*. Lisboa, Edições Instituto Piaget.
- LIPOVETSKY, GILLES (1989). *A Era do Vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa, Relógio D'Água.
- RABOTNIKOF, NORA (2005). *En busca de un lugar común. El espacio público en la teoría política contemporánea*. México, Edições da Universidad Nacional Autónoma de México.
- RODRIGUES, FERNANDO MATOS (2003). "As cidades globais. Arquitectura, arte e imagem em contextos urbanos difusos" in *Arquitectando espaços: da natureza à metápolis* (Vitor Oliveira Jorge, Coordenador). Porto, Edição da Faculdade de Letras da Universidade do Porto / Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto / Fundação Para a Ciência e a Tecnologia, pp. 223-231.
- SENNETT, RICHARD (1990). *La Conciencia del Ojo*. Barcelona, Ediciones Versal.
- SUBIRATS, EDUARDO (1988). *La Cultura como Espectáculo*. Madrid, Fondo de Cultura Económica.
- VIRILIO, PAUL (2000). *A Velocidade de Libertação*. Lisboa, Relógio D'Água Editores.



Fig. 1 – Geometrias agressivas sob o efeito da colagem e do hibridismo

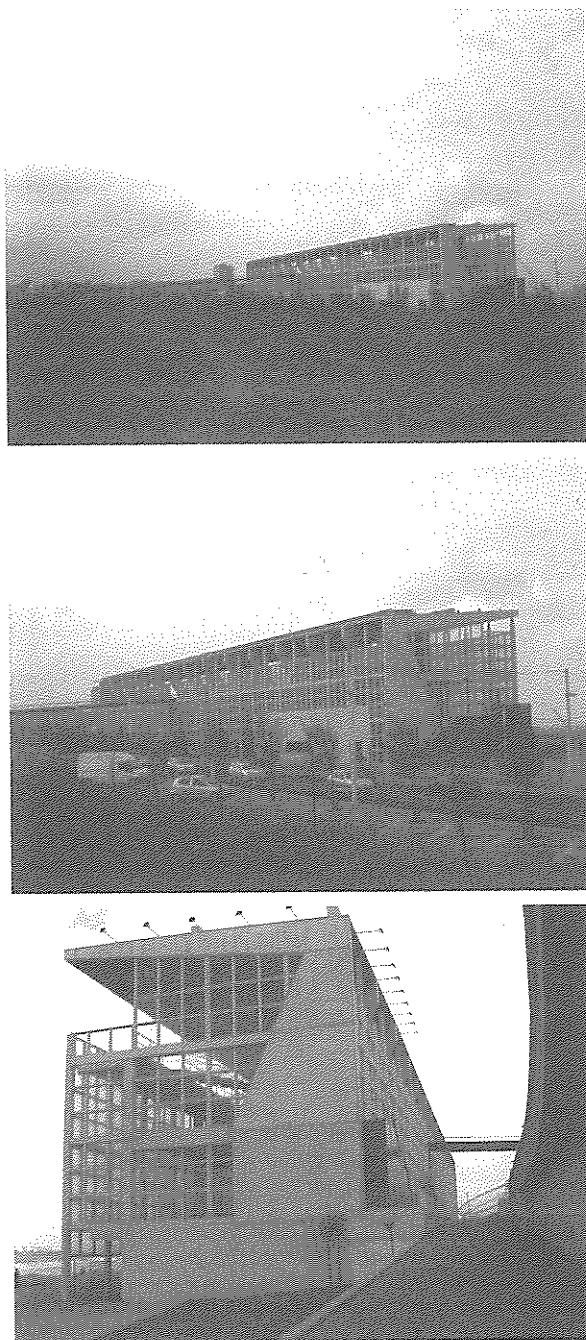


Fig. 2 – Edifício transparente – “soft city”.

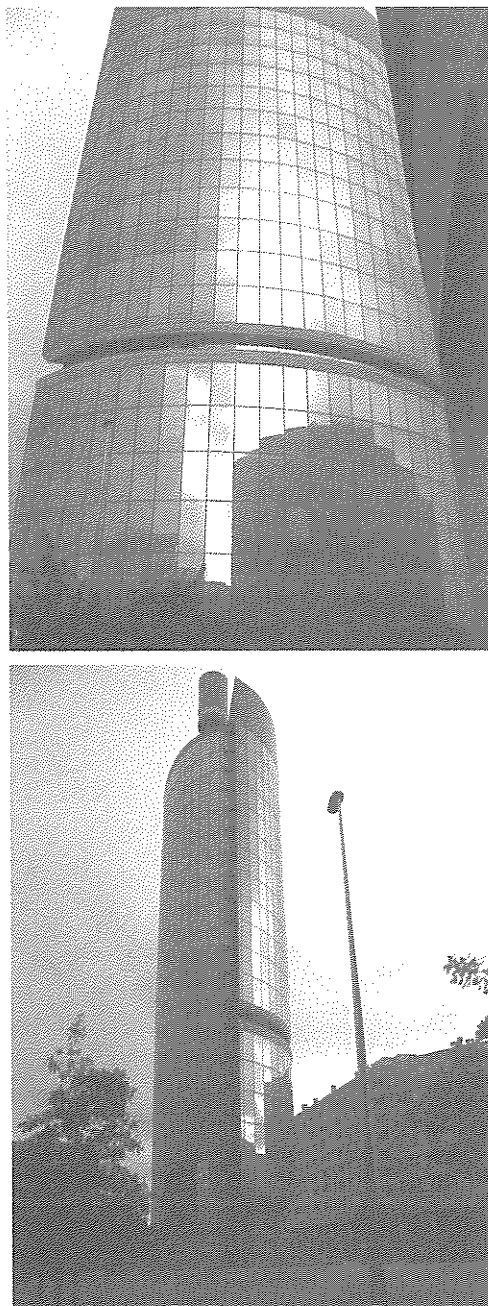


Fig. 3 – Torre da Maia – Natureza artificial em meio urbano.

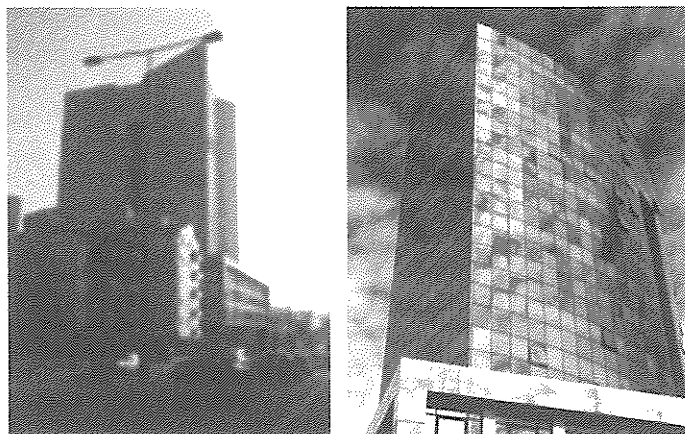


Fig. 4 – Torre das Antas – (*Axis mundi*).

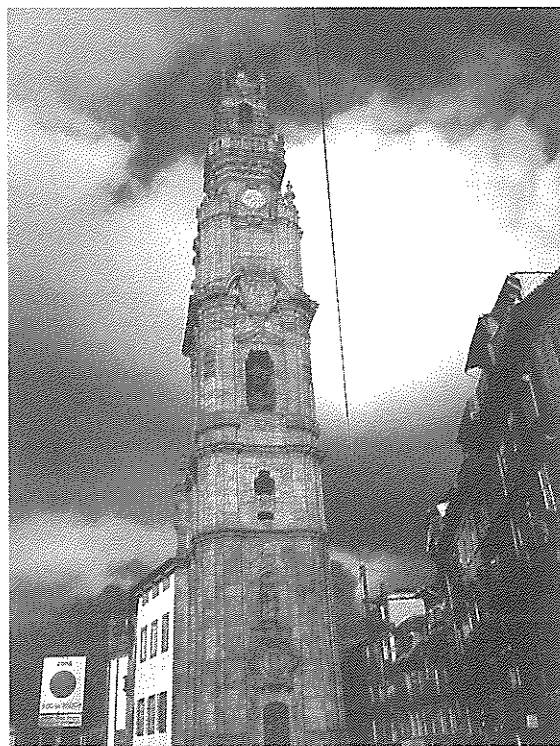


Fig. 5 – Torre dos Clérigos – o barroco na vertical.